

Isabel Castro Henriques

# **A DESCOLONIZAÇÃO DA HISTÓRIA**

Portugal, a África e a Desconstrução  
de mitos historiográficos

calei  
dosc  
ópio

<b>9</b>	<b>PREFÁCIO</b>
<b>13</b>	<b>CAPÍTULO 1</b>
	<b>PARA UMA REVISÃO DA HISTÓRIA COLONIAL</b>
	<b>Novas Perspectivas, Teorias e Conceitos</b>
<b>15</b>	<b>Colonialismo e História</b>
15	Ideologia Colonial e Conhecimento
23	A historiografia portuguesa e a história dos Outros
31	Falsificações da história: o exemplo de Angola
<b>39</b>	<b>Classificar o Outro Historização e Flutuação dos Conceitos</b>
40	Historização das operações classificatórias
49	A deriva das noções e dos conceitos
<b>61</b>	<b>Colónia, Colonização, Colonial, Colonialismo</b>
62	Os termos: de uma origem comum à complexidade das categorias classificatórias
63	Colonizações: convergências fundadoras
65	Colonização e História: linhas estruturantes, variáveis conjunturais
67	Colónia e República: um equívoco persistente
69	Em torno do 'colonialismo': incomodidades e novas formulações
<b>73</b>	<b>Construção da História Sedimentação das Culturas Coloniais</b>
74	Sem Território, sem Rei, sem Deus
80	Os Portugueses, os Africanos e a História
<b>91</b>	<b>A História da África e a Reconstrução da Visão do Outro</b>
91	O poder da História
94	Formação e consolidação do sistema ideológico colonial português

98	Ideologia colonial e historiografia portuguesa: a <i>História de Angola</i> de Ralph Delgado
101	A ausência da historiografia portuguesa no processo de reelaboração de uma historiografia mundial relativa à África
<b>107</b>	<b>Alteridade e História</b>
109	“A Abertura ao Mundo” e a “Prioridade Portuguesa”
111	Mar. Natureza. Língua
113	“Missionação” e Religiões Africanas
115	“Aculturação” e Racismo
<b>119</b>	<b>A África na Iconografia Colonial Portuguesa</b>
120	Antropófagos e domésticos
121	As marcas físicas da inferioridade africana
123	Selvagem africano e herói português
124	A exposição colonial de 1934
<b>127</b>	<b>CAPITULO 2</b>
	<b>ICONOGRAFIA: Estereótipos Europeus das Representações Africanas</b>
<b>130</b>	<b>Quotidianos Africanos em Portugal</b>
<b>143</b>	<b>As Mulheres “Outras”</b>
<b>152</b>	<b>A Construção Europeia da Antropofagia Africana</b>
<b>162</b>	<b>Ideologias Gráficas: Caricaturas, Publicidade, Publicações</b>
<b>170</b>	<b>Mostrar o Império e Legitimar a Colonização: As Exposições Coloniais de 1934 (Porto) e de 1940 (Lisboa)</b>
<b>179</b>	<b>CAPITULO 3</b>
	<b>VELHOS TEMAS E PROBLEMAS</b>
	<b>Novas Abordagens, Outras Interpretações</b>
<b>181</b>	<b>Os Italianos como Revelador do Projecto Colonial Português</b>
188	As operações de colonização da Madeira
194	A presença italiana no espaço africano
<b>209</b>	<b>As Outras Africanas: As Reais e as Inventadas</b>
209	Revelação das Outras
215	A invenção dos Mulatos
220	Mulheres africanas e comércio
225	A modificação dos comportamentos: a mestiçagem como sistema
227	O exemplo de São Tomé

231	<b>A Invenção da Antropofagia Africana</b>
232	A eliminação da antropofagia alimentar ou o processo de socialização dos homens
235	A legitimação social das formas antropofágicas rituais e simbólicas
237	Da América para África: a transferência do modelo antropofágico americano (século XVI)
240	A fabricação europeia da antropofagia africana
251	<b>Presenças Angolanas nos Documentos Escritos Portugueses</b>
254	“Presenças”, “Fronteiras” e “Espaços” Angolanos
257	Estrutura e Conjuntura na Produção dos Documentos Portugueses e na Organização Escrita dos Preconceitos
264	Autores e Documentos Oitocentistas em Língua Portuguesa: os Espaços, os Homens, os Sistemas Angolanos.
281	<b>Construção e Desconstrução do Herói Colonial (Séculos XIX-XX)</b>
282	Incertezas etimológicas da terminologia
284	Invenção e problemática dos heróis
287	Genealogia do “herói colonial”
290	Emergência e caracterização do herói colonial
294	A desconstrução dos heróis coloniais
297	<b>Notas</b>
309	<b>Bibliografia</b>
314	<b>Siglas</b>
315	<b>Origem dos textos</b>

# PREFÁCIO

*“Abundam os documentos que nos mostram no negro um tipo antropológicamente inferior, não raro próximo do antropoide, e bem pouco digno do nome de homem”.* Oliveira Martins, 1891\*

Este livro, que reúne um conjunto de textos já anteriormente publicados\*\*, associados a outros artigos escritos posteriormente e dispersos em publicações de natureza diversa, nem sempre de acesso fácil, tem como objectivo dar conta de uma vertente central da minha reflexão sobre as perspectivas e as formas de elaboração portuguesas da história relativa à África e aos Africanos, privilegiando uma leitura crítica das coordenadas teóricas-conceptuais que marcaram os particularismos da experiência portuguesa, associada ao estudo de diferentes situações históricas vividas entre os séculos XV e XX.

Trata-se de quase cinquenta anos de estudo e de investigação, que resultam, em parte, da minha formação na Universidade de Paris I, da minha actividade docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e também, de forma pontual, em outras universidades como a Universidade de Barcelona, a Universidade de Paris I Panthéon-Sorbonne, a EHESS – École de Hautes Études en Sciences Sociales – Paris, a Universidade de Pisa e em outras instituições universitárias nos países africanos de língua portuguesa e no Brasil. Eliminei algumas publicações por me parecerem algo pleonásticas, modifiquei outras, mas deixei o essencial, consciente das inevitáveis repetições, da natureza e do peso científico distintos de cada um dos estudos apresentados, que resultam da sua função originária, das minhas investigações e dos meus conhecimentos no momento em que foram redigidos. Só assim me pareceu possível dar conta deste meu percurso consagrado à fabricação portuguesa da

história da África, com as suas preocupações, as suas interrogações e, não o escondo, a sua dose de desilusões.

Os artigos aqui reunidos, segundo temas e problemas que me inquietaram e me inquietam, procuram contribuir para uma renovação da historiografia portuguesa que se ocupa dessa vertente da História marcada pelas relações dos Portugueses com os Africanos, numa perspectiva de longa duração. Só uma análise continuada, firme e crítica, instalada num tempo longo – esses fantasiosos “cinco séculos” de uma África portuguesa - pode eliminar progressivamente os nós que embaraçam ainda hoje as leituras portuguesas dos processos históricos africanos.

Procurei pôr em evidência o carácter estruturante da minha actividade de historiadora, que não recusa o rigor da História mas integra as técnicas e as interrogações de outras disciplinas que, como a antropologia ou a sociologia, permitem tornar mais densa a produção historiográfica.

Numa obra desta natureza, as repetições são inevitáveis. Eliminei algumas, mas mantive a maioria pois elas traduzem a constância da minha própria investigação e sobretudo reflectem os vários ângulos de análise – horizontais, verticais, transversais – exigidos pela complexidade do objecto histórico de que me ocupo: a descolonização de uma historiografia portuguesa, muito tempo marcada por mitos e estereótipos legitimadores do colonialismo português e falsificadores das realidades sociais e culturais africanas. Acrescento, que mantive a bibliografia específica dos textos incluídos – embora integradas numa bibliografia geral -, por me parecer mais ajustado fornecer esta indicação complementar, permitindo que o leitor se possa dar conta dos suportes teórico e documental utilizados.

Organizei os diferentes estudos em três partes relativamente homogéneas que sublinham as problemáticas essenciais da minha reflexão: se a primeira parte visa proceder a uma revisão da história colonial portuguesa, desmontando conceitos e apontando novos caminhos para a compreensão da história africana e da história portuguesa, a segunda privilegia o documento iconográfico como fonte histórica, sublinhando a sua dimensão histórica e informati-

va, mostrando as formas plásticas portuguesas, que são também europeias, de desvalorização das populações africanas e reflectindo os conceitos e as noções que estruturaram a leitura colonial do Outro. A terceira parte procura pôr em evidência a natureza sempre inédita das fontes históricas – escritas, orais, materiais -, cuja interpretação depende inevitavelmente das ‘lentes’ teóricas e conceptuais utilizadas na sua leitura, que permitem rever e renovar temas ‘velhos’, possibilitando novas abordagens, interpretações e interrogações.

Não podia deixar de começar por salientar a multiplicidade dos artificios da história colonial, marcada por preconceitos forçosamente deformadores e recorrendo a instrumentos conceptuais capazes de assegurar a legitimidade do colonialismo, negando aos Africanos a existência de uma história autónoma e a sua condição de sujeitos e de agentes da História. Descolonizar a história é libertar a reflexão histórica dos valores fundamentais da dominação, através do conhecimento das nossas realidades do passado, mas também devolvendo a palavra aos silenciados da história e reconhecendo a autonomia e a singularidade dos seus percursos históricos seculares.

Esta tarefa de desconstrução de mitos historiográficos impõe também a introdução de abordagens inovadoras a problemas estudados num passado dominado pela historiografia colonial, encarando com outros argumentos teóricos a revelação da África a partir do século XV, quando se verifica o início de uma certa ‘africanização’ da sociedade portuguesa: o Africano distante torna-se o Africano da paisagem urbana e da vida social de portas adentro. Mas sobretudo, as operações da colonização portuguesa em África, marcadas pela violência do tráfico negreiro, exigem um estudo apurado da criação de sociedades inéditas, que arrastam consigo a cumplicidade de outras populações europeias, estimulam os processos de miscigenação física e cultural e a organização de imaginários resultantes da desumanização europeia dos Africanos ‘enselvajados’, fixando realidades africanas deformadas, que releituras atentas e inovadoras das fontes permitem corrigir. A grande diversidade de fontes existentes que o século XIX, em particular, trouxe consigo, consequência de relações luso-africanas mais intensas e continuadas, por um lado libertas do

fenómeno da escravização dos homens africanos, mas por outro, empenhadas em alargar o conhecimento geográfico e cultural do continente para melhor o dominar, permite ampliar o campo de estudo e proceder à revisão de uma historiografia redutora da autonomia histórica dos Outros, que não pode deixar de lado, nem menosprezar, o peso dos lugares, dos objectos e das palavras de uma África, que durante séculos marcou directa ou indirectamente a sociedade portuguesa.

Um livro claro e útil é o meu propósito: anular as falsas ideias que esvaziam a própria pulsão da História, atribuindo a exclusividade do movimento, da iniciativa, da construção e da dinâmica relacional aos interesses e às estratégias dos Portugueses, retirando toda a autonomia aos Africanos e transformando-os em simples fantasmas exigidos por uma escrita ideologizada da História.

Este foi um dos projectos intelectuais que organizou o meu percurso de investigadora e de professora de História de África. Se devo agradecer aos meus mestres da universidade francesa e aos meus colegas e amigos africanos que me abriram os caminhos da historiografia africana, é aos meus alunos que dedico este livro: foram muitos os jovens e os menos jovens que seguiram com entusiasmo os meus cursos não obrigatórios de história de África, durante quatro décadas. As suas dúvidas, as suas perguntas, as suas reflexões, as suas discordâncias e os diálogos que mantiveram comigo, permitiram-me renovar ensinamentos, repensar conceitos e metodologias, estimular as tarefas necessárias à reciprocidade do ensino e do conhecimento.

Lisboa, Fevereiro de 2019

\* MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira, *Portugal em África. A questão colonial. O conflito anglo-português, [1891]*, Lisboa, Guimarães Editora, 1953, p. 261.

\*\* HENRIQUES, Isabel Castro, *Os Pilares da Diferença. Relações Portugal-África - Séculos XV-XX*, Lisboa, Caleidoscópio, 2004.